

TITO LÍVIO E A TRADIÇÃO HISTORIOGRÁFICA GREGA: APROPRIAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA *HISTÓRIA DE ROMA*¹

Michelly Pereira de Sousa Cordão²

Marinalva Vilar de Lima (orientadora)³

Gesto que aniquila a morte, transformando o esquecimento desta resultante numa lembrança tangível, a escrita torna as experiências que se perdem pela ação inexorável do tempo, numa presença que as imortaliza, impedindo a consecução de seu inevitável fim. Faz do efêmero uma eternidade, suavizando a dor da perda. Produz uma memória das coisas que se passaram. Enfim, a escrita "(...) exorciza a morte introduzindo-a no discurso"⁴. Com aspirações voltadas para a construção de representações das experiências humanas, foi que os primeiros historiadores confeccionaram suas narrativas, indo passo a passo costurando uma tradição do *fazer* história, com a qual permanecemos mantendo diálogos na contemporaneidade. Cada um deles foi instaurando golpes no espaço escriturístico daqueles que lhe antecederam, produzindo algo diferente; inovador nos textos que fabricavam.

Circulando por entre a tradição historiográfica grega, Tito Lívio, historiador romano do século I a. C., produziu suas representações a partir do estabelecimento de táticas textuais no campo daquela, promovendo inversões dos sentidos construídos por seus historiadores sobre a história. Articulado uma "operação de caça"⁵, Lívio foi selecionando aquilo que lhe parecia valioso dos textos alheios e que, portanto, poderia lhe auxiliar na construção de seu texto. Inscrevendo um mundo diferente naqueles, traçou inovações na tradição do *fazer* historiográfico, sem, no entanto, deixar de respeitá-la, atitude necessária a um historiador.

Neste sentido, em face das discussões cada vez mais recorrentes nos debates acadêmicos acerca das variadas formas que constituem um texto histórico, visamos neste trabalho tecer considerações sobre como Tito Lívio estabeleceu apropriações de historiadores que lhe antecederam para a construção de sua *memoriae rerum gestarum* (memória das coisas acontecidas). Pretendemos compreender como um texto histórico é construído a partir do uso promovido pelo historiador de outros textos e como, nesse sentido, Lívio articulou

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Cultural", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Integrante do *Grupo de Estudos Culturais* e do *Núcleo de Clássicos e Medievais*; Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/UFPG/CNPq, com o projeto: *Nas Trilhas Livianas: História e tramas da Roma Imperial*.

³ Professora Adjunta da Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Membro do conselho consultivo da SBEC. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Líder do *Grupo de Estudos Culturais* e do *Núcleo de Estudos Clássicos e Medievais*; Membro do Conselho Consultivo da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC).

⁴ CERTEAU Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 107-108.

⁵ Expressão apropriada de Certeau. Cf.: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

táticas textuais, exercício que terminou concedendo uma singularidade a sua obra em relação àquelas que lhe serviram de espelho através do qual pôde se ver como historiador e, portanto, como um narrador que, por exigência do ofício, teve que seguir uma tópica, visto que, conforme Paul Veyne⁶, se a história não possui “método”, ao menos é provida de uma tradição da qual o historiador não está livre para fugir.

Enquanto aristocrata romano, circunscrito no contexto do príncipe Augusto⁷, Tito Lívio dedicou a maior parte de sua vida à da *Ab Urbe Condita Libri* (História de Roma)⁸, orientando-se neste aspecto, por conjectura, nas lições de Políbio, segundo o qual, a história seria amadurecida e ganharia relevância no quadro dos outros conhecimentos, quando seus produtores passassem a se consagrar integralmente a ela e, nesse sentido, não fizessem da mesma, uma prática acessória/ secundária. Os escritores deveriam pensar a história como “a mais necessária e mais bela das tarefas”⁹; como a prática que proporcionaria prazer e instrução aos leitores. Prazer que, todavia, estaria vinculado à escritura de uma história desligada de elementos antinaturais.

Orientações recebidas, contatos astutos com textos variados, tanto do mundo romano como do mundo grego, onde construiu apenas parte de sua formação educacional¹⁰, Lívio se encontrava pronto para fazer do passado o “outro”, inserindo-o num sistema escriturário.

Percorrendo-se os espaços textuais livianos, nota-se a estruturação de uma obra estabelecida a partir do uso de um conjunto de escritores, cujos pensamentos receberam um tratamento específico por Tito Lívio, caracterizado pela reconstrução de suas significações que, por sua vez, foram definidas pela própria historicidade do historiador latino. Dos elementos que norteiam sua obra, notamos a existência de marcas do estoicismo, concepção filosófica recorrente em seu tempo; de influência analística; de idéias ciceronianas e polibianas; e, de modo não tão direto, de influências de uma tradição já antiga de fazer história, encontrada nas concepções herodotianas e tucidideanas. Portanto, uma série de usos que resultaram num exclusivo exercício articulado por Lívio, cujo resultado fora o conjunto historiográfico da *História de Roma*.

Interessou-nos, face à profusão de apropriações perceptíveis em sua obra, a articulação de um estudo sobre a relação entre Tito Lívio e a tradição historiográfica grega, concebendo esta enquanto provida de um papel relevante na construção da *História de Roma*, visto que o historiador sempre segue algumas regras presentes naqueles que lhe antecederam, os quais, por sua vez, já se constituem enquanto parte da tópica histórica.

⁶ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UnB, 1995.

⁷ Sobre o contexto de Augusto, já fizemos referência em outra produção, que pode ser consultada: CORDÃO, Michelly P. S.; LIMA, Marinalva V. Olhares sobre a Historiografia Latina: um diálogo com Tito Lívio. In: ARAÚJO, Orlando L.; LIMA, Marinalva V. **Ensaio em Estudos Clássicos**. Campina Grande: UFCG, 2006, p. 171-184.

⁸ Lívio escreveu 142 livros, contudo apenas 35 nos alcançaram, constituindo o *corpus* da nossa pesquisa.

⁹ POLÍBIOS. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1996, p. 418.

¹⁰ PEIXOTO, Paulo Matos. Introdução. In: TITO LÍVIO. **História de Roma**. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, V. 1, p. 09.

Da tradição historiográfica antiga, Heródoto, Tucídides e Políbio podem ser encontrados caminhando pelo texto de Lívio, sendo com Políbio que aparenta ter mantido uma conversação mais assídua. Se utilizarmos o vocabulário certeaniano, podemos dizer que Tito Lívio promoveu uma “operação de caça”, ao ler as fontes e/ ou obras que lhe fundamentaram, garimpando das mesmas, elementos que considerou profícuos para a fabricação de sua escrita da história, bem como, transformando os mesmos em algo singular, ao trazê-los para seu sistema de escrita.

Daí porque, ao usar o termo memória em sua obra, ao mesmo tempo em que faz permanecer a tradição herodotiana, imputa a ele outros sentidos, visto que se Heródoto estava preocupado antes de tudo em estabelecer a memória dos feitos dos helenos e dos bárbaros para que os mesmos não entrassem na esfera do esquecimento, Tito Lívio possuía, além disso, um desejo pragmático, associado à necessidade de possibilitar, com sua história, a retomada, no sentido moral do termo, dos valores romanos tradicionais. Por sua vez, para a construção de tal pragmatismo, ele recorreu a Políbio, revestindo a perspectiva deste de um sentido moralizante, não perceptível no escritor grego.

Portanto, numa suposta individualidade/ identidade autoral que poderia constituir a *História de Roma*, é perceptível a atuação de sujeitos e escritos plurais, o que torna aquela uma espécie de caleidoscópio, donde Tito Lívio constitui apenas uma de suas múltiplas figuras, embora não perca seu lugar como autor, pois que, consonantes com Roger Chartier¹¹, se a participação “(...) do autor é uma entre outras, que não encerra em si a ‘verdade’ suposta como única e permanente da obra”¹², a relação do autor “(...) com a obra não é, por tal motivo, suprimida”¹³.

Dada à impossibilidade de afastar-se por completo da tradição de escrita que lhe antecedeu, já que a mesma concede credibilidade ao seu discurso historiográfico, a Tito Lívio restou subvertê-la, reconstruindo outros significados para a história em face do que estava posto. Escapes astutos lhe permitiram a possibilidade de construir inovações no campo da historiografia, deixando para seus sucessores a lição de também fazê-lo. Inovações que não estão dissociadas das produções anteriores, mas que acrescentam algo novo na tópica histórica. A preocupação, por exemplo, de uma escrita que estabelecesse a memória *ab urbe condita* (desde as origens de Roma), constitui exercício distinto do que foi promovido por Heródoto, Tucídides e Políbio.

Contudo, esses três historiadores gregos se preocuparam em encontrar o início das experiências respectivas que selecionaram para a construção de suas narrativas. Heródoto desejou conhecer as causas das guerras greco-persas, afirmando que seu início se dera

¹¹ CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuel Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

¹² Idem, ibidem, p. 59.

¹³ Idem, ibidem, p. 59.

com as ofensas aos gregos, advindas do rei lídio Cresos. Se Heródoto não percebe a história como caracterizada por uma necessidade de narrar as origens dos povos, uma vez que as testemunhas oculares não dariam conta de lhe informar a esse respeito, busca, contudo, a origem da guerra, fato que demonstra uma tradição de estabelecer um ponto de partida para a escrita historiográfica. No discurso de Tito Lívio, nota-se um explícito desejo em contemplar as coisas acontecidas desde antes mesmo da fundação de Roma, pois que se refere também à chegada de Enéas ao Lácio¹⁴.

Tais exercícios nos levam a crer que ao historiador antigo era necessário a referência a um início do tema que pretendesse representar, tópica que parece ter sido inaugurada por Heródoto. Tucídides, acompanhando-a, explicou como e porque a guerra do Peloponeso se efetivou, não se conduzindo para tempos mais remotos, por acreditar que não seria possível estabelecer a precisão dos fatos de tempos longínquos do seu, dada a inacessibilidade aos mesmos por meio de testemunhas oculares, tampouco por seus próprios olhos. Tucídides assemelha-se a Políbio que, por sua vez, em sua *História*, tenta explicar como e porque Roma se tornou o “maior império do mundo”, tentando decifrar, com uma pesquisa exaustiva, as causas/ “origens” que lhe condicionaram a vivenciar tal experiência histórica.

Políbio defende a necessidade de se estabelecer um ponto de partida, um “início” para a história, considerando que o escritor já deveria saber o fim de seu empreendimento; qual o fio que lhe conduzirá e qual seu objetivo. Vejamos sua valorização das origens, como elemento que explica a situação atual: “(...) como seria possível recapitular, adequadamente os eventos sem uma referência às suas origens, de modo a mostrar a situação a partir da qual, como e por que as coisas chegaram ao ponto em que estão?”¹⁵.

Neste aspecto, Políbio marca o caráter explicativo de sua história, influência que se chega a Tito Lívio, o faz de forma muito tênue, visto que este não queria explicar porque Roma alcançou um “império universal”, se preocupando, antes de tudo, em “provar” que a cidade possuía um lugar glorioso já estabelecido, ainda que, em seu contexto, vivenciasse experiências de conflito e desarmonia social. É com este intento que ele se utiliza, estrategicamente, da noção de destino: “Mas o destino exigia, creio eu a fundação desta grande cidade e a criação do maior império do mundo abaixo do poder dos deuses”¹⁶. Lívio exclui da concepção polibiana as explicações pautadas em condições históricas, pois que, para Políbio, Roma se tornou “senhora do mundo” não por possuir um destino que a teria encaminhado para este fim, mas por ter elaborado uma constituição política, cujas bases permitiram à cidade uma perfeição não perceptível em outras, como Cartago ou Atenas.

¹⁴ Enéas, cujas aventuras são narradas por Vergílio, fora escolhido pelos deuses para reconstruir Tróia, destruída pelos gregos, em território itálico. Cf.: VERGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: UnB, 1983.

¹⁵ POLÍBIOS. op., cit., p. 271.

¹⁶ TITO LÍVIO. *A História de Roma*. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, V. I, p. 25.

Portanto, há nesta discussão uma marca de identificação entre os historiadores antigos. Trata-se da necessidade de se estabelecer um ponto de partida, elemento que está presente em Tito Lívio e que é visto em sua obra quando se reporta às origens de Roma, cidade que constitui o tema central de sua narrativa. Se Tito Lívio possuiu outros motivos para um “retorno” àquelas, associado à sua ligação com o príncipe Augusto, isso não significa que não tenha mantido relações com a perspectiva polibiana, na qual emitiu golpes cujos resultados foram a inserção naquela de suas marcas subjetivas.

Acompanhando os caminhos trilhados por Michel de Certeau¹⁷, não pretendemos apenas apontar alguns elementos da tradição grega que enxergamos em Tito Lívio, mas, sobretudo, perceber como este promoveu manipulações, desvios, reempregos, ao inseri-los no *corpus* de seu texto. Consideramos que Lívio não se encarcera por entre as teias da tradição, subvertendo-a sem abandoná-la; invertendo-a sem fugir às regras do ofício. Compreensão que nos leva a concluir que a noção de tradição também possui uma historicidade, sendo constituída por uma natureza fluida, sempre prestes a ser modificada pelos ventos que a fazem se mexer, mas cuja força não a destrói.

Roger Chartier¹⁸, ao apontar sua compreensão sobre o exercício de uma história da leitura, propõe análises que visem a pensar sobre o que é ler a partir de uma reconstituição das leituras antigas, percebendo-se o que os leitores faziam com os textos que liam. Entre as sugestões fornecidas por Chartier, encontramos uma saudável contraposição à dicotomia leitura/ escrita, visto que observa que, dentre os resultados das leituras, surge a escrita de outros textos, devendo o pesquisador, por isso, estabelecer “(...) o exame dos factos de reescrita e de intertextualidade onde se anula o clássico corte entre escrita e leitura, já que aqui a escrita é, ela própria, leitura de uma outra escrita (...)”¹⁹.

Antes de ser um escritor, construtor de estratégias, o historiador é um leitor; um viajante que caminha por florestas obscuras ou providas de luzes intensas; que desloca seus olhos para elas com desejos de se inserir em seu meio, caçando elementos que possam contribuir para a fabricação de sua escritura. No momento da investigação, anterior à operação escriturária, Tito Lívio tinha diante de si uma série de documentos: tradições orais (lendas); documentos escritos (anais, livros dos magistrados, tratados entre Roma e outras cidades, livros línteos, livros sibílicos); textos de escritores/ analistas que o precederam, (Licínio Mácer, Fábio Píctor, Pisão, Valério Máximo, Célio Antípatro, Tubero); a *História* de Políbios; documentos registrados nos comentários dos pontífices máximos; monumentos públicos; inscrições; enfim. Rodeado por uma imensidão de fontes diversas, das quais acreditamos ter citado apenas algumas, Lívio construiu sua *História de Roma* e, mais do que isso, se inseriu nesse

¹⁷ CERTEAU, Michel de. op., cit.

¹⁸ CHARTIER, Roger. op., cit.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 61-62.

corpus documental, recriando-o e ajustando-o de acordo com seus desejos e questões, exercício que se converteu na produção daquela narrativa.

O historiador procura os restos deixados pelo passado, como um investigador em busca de reunir indícios que o levem a fundamentar suas colocações. Ora, considerando a natureza fragmentária das fontes, representações do real, não há outra solução para o historiador, que visa a reconstruí-lo, senão o gesto corajoso de adentrar no mundo tenso daquelas, buscando sinais para a produção de seu texto. Não fazendo esse tipo de exercício, sua escrita não teria credibilidade no campo da historiografia, constituindo “mais um” a ser engavetado na fila dos esquecidos.

Tito Lívio foi um historiador que provavelmente se movimentou, seja em busca de fontes, seja na relação estabelecida com estas quando de seus possíveis prolongados momentos passados numa biblioteca. Num contexto em que a leitura constituía prática presente no seio das “classes elevadas”, pois que nos séculos II e I a. C., por exemplo, era comum a entrada, sobretudo de livros gregos em Roma, trazidos como despojos pelos generais vitoriosos nas guerras²⁰, foram se formando as bibliotecas particulares, em cujos espaços Lívio deve ter circulado, talvez com uma frequência semelhante a que fazemos hoje, embora não lendo os textos como nós o fazemos.

Conforme Chartier²¹, a leitura na Antiguidade – até o séc. II d. C – era promovida a partir dos livros de rolo, os quais não permitiam ao leitor escrever simultaneamente ao ato da leitura, como o fazemos contemporaneamente, visto que as duas mãos ficavam mobilizadas para se segurar o rolo de papiro ou de pergaminho. No máximo, o leitor poderia ditar suas reflexões acerca do texto lido a um escriba, informação preciosa que nos ajuda a diferenciar os historiadores antigos da imagem do pesquisador moderno, pois que compreendemos este, a partir das colocações de Chartier, como aquele que se encontra rodeado por uma série de fontes e livros, estando possibilitado a comparar e consultar variadas obras ao mesmo tempo. Para Chartier, “imaginar Platão, Aristóteles ou Tito Lívio como autores supõe imaginá-los como leitores de rolos que impõem suas próprias limitações”²².

Não obstante as referidas ressalvas, cremos que Lívio foi um homem da Antiguidade, mas que não era um antiquário; um indivíduo ativo no ato da investigação historiográfica, semelhantemente ao que somos contemporaneamente, mediante criatividade e inventividade quando da relação com os textos que lhe deram suporte para a fabricação do seu.

²⁰ CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 2002, V. I, p. 16-17.

²¹ CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes, São Paulo: editora da UNESP, 1998.

²² Idem, *ibidem*, p. 24.

Se Lívio era um homem pouco viajado, entregue aos livros e às velhas crônicas²³, imputava aos mesmos uma leitura astuciosa, cujo itinerário provavelmente fazia dela uma “(...) flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera”²⁴.

O historiador é, antes de tudo, um ser (re) criativo, (re) inventor. A ele não cabe o termo reproduzidor, tal qual pensavam os historiadores “positivistas” do século XIX, visão que ainda hoje possui ecos. Como leitor, o historiador “(...) insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação ao texto do outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como os ruídos do corpo”²⁵.

Caminhando pelos espaços textuais livianos: encontros com Heródoto, Tucídides e Políbio

Discutindo sobre a tradição da escrita historiográfica e sobre o conceito antigo de história a partir da recuperação das próprias palavras dos historiadores e demais escritores dessa época, François Hartog coloca:

(...) na construção continuada dessa escrita, foram feitas certas escolhas, produziram-se “esquecimentos”, deslocamentos e também reformulações: de Heródoto a Luciano e a Santo Agostinho, passando por Cícero e Tito Lívio, a mesma palavra não designou sempre a mesma mercadoria.²⁶

A profícua “intervenção” de Hartog serve-nos como um elemento impulsionador para apresentarmos nossas considerações sobre Tito Lívio e sua obra, compreendendo, pois, que sua concepção de história, embora siga uma tradição, constitui um exercício específico, com preocupações únicas, suscitadas por seu contexto e por sua subjetividade autoral. Uma compreensão parece certa: a história possui uma historicidade, tendo sido pensada de diferentes formas durante todo o tempo que engloba sua tradição.

Memoria rerum gestarum. Trata-se do que Tito Lívio afirma constituir sua obra, demonstrando uma preocupação que também é perceptível na narrativa grega, considerada a primeira produção historiográfica ocidental, a saber, as *Histórias* de Heródoto. Lívio não usa o termo história, o que se observa tanto no prefácio, como em partes de sua obra. Quando diz, por exemplo, que “Nenhum acontecimento digno de memória ocorreu (...)”²⁷ (*nihil dignum memoria actum*), percebe-se, com a frase no texto original, que usou o termo

²³ PEIXOTO, Paulo Matos. op., cit., p. 09.

²⁴ CERTEAU, Michel de. op., cit., 1996, p. 49.

²⁵ Idem, ibidem, p. 49.

²⁶ HARTOG, François. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 10.

²⁷ TITO LÍVIO. op., cit., p. 74, V. II.

memoria não para se referir a acontecimentos (*actum*) que viriam a ser escritos pelo historiador, mas àquilo que se escreve sobre eles. Para Lívio, a história constitui um sinônimo da memória, a qual, por sua vez, se trata daquilo que se escreve sobre o que aconteceu. Heródoto usa o termo *historié* (investigação) para se referir a sua prática de escrita, denotando a compreensão de que sua narrativa constitui resultado das pesquisas que ele, como viajante, promoveu, vendo experiências e/ ou ouvindo testemunhas que as presenciaram. Heródoto inaugura o sentido de pesquisa histórica com o qual nos relacionamos na contemporaneidade, uma vez que, ele próprio vai em busca das fontes necessárias para a produção de seu texto, não mais ouvindo as memórias de musas, mas as falas de indivíduos que lhe podiam informar sobre acontecimentos “reais”.

Surge um ponto de ligação, portanto, entre o historiador latino e o grego, cuja relevância consiste na possibilidade de percebermos a existência de intercâmbios textuais; de uma tópica histórica que permeia o saber historiográfico desde a antiguidade.

Nas *Histórias* de Heródoto há uma preocupação com a construção da memória a partir de uma pesquisa estabelecida pelo próprio escritor, não recorrendo às “filhas da Memória” – as musas – tal como o faziam os poetas²⁸. Esta tradição da historiografia, presente ainda hoje e constituindo o elemento central da escrita histórica, é também perceptível em Tito Lívio, em cujo prefácio coloca que fará uma *memoria rerum gestarum*.

A memória construída por Heródoto não está vinculada à memória de “grandes eventos”, utilizando-se de um conceito positivista, mas à memória de experiências de uma esfera que poderíamos chamar de “cotidiana”, já que enfoca com exatidão os costumes dos povos narrados, concedendo espaço à alteridade. A *memoria rerum gestarum* produzida por Tito Lívio se vincula à narrativa das coisas que aconteceram, não estando, necessariamente, ligada à memória dos acontecimentos políticos e militares, mesmo que o historiador afirme serem estes os mais dignos de lembrança. Ainda que Tito Lívio recupere os feitos das guerras, por exemplo, não exclui de sua *memoria* experiências “menores”, como a narração de jogos e cerimônias; de diálogos entre homens públicos e privados; de tramas sobre ações de jovens patriotas, etc.

Não há como negar que Heródoto se sobressai na narrativa de experiências próximas às que narramos contemporaneamente, fato observável quando descreve os costumes do “outro”, por exemplo. De toda forma, o conceito de memória usado por Tito Lívio em seu prefácio parece resultar de uma apropriação do herodotiano, embora não esteja vinculado à narração do mesmo tipo de experiência feita pelo grego. Contudo, ambos se combinam por desejarem estabelecer a memória daquilo que se passou, tornando presente o ausente. Como diria Certeau, enterrando o morto e, ao mesmo tempo, lhe impedindo de morrer.

²⁸ HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro, Tradução de Jacyntho Luis Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 24-25.

Nomeando-o, a fim de tornar sua ausência uma presença pelas vias da linguagem escriturária²⁹. Deslocando-nos para Hartog, o historiador, uma vez domesticando a morte, “(...) circunscrito num tempo que é o dos homens, falando de coisas humanas, com seu saber e seu nome, entende que apenas luta contra o esquecimento”³⁰.

Com a introdução de enunciados como “dizem”, “conta-se”, “diz a tradição”, em sua obra, Tito Lívio deixa claro que foi também um historiador que coletou informações que circulavam pelo saber oral dos romanos, respaldando-se, provavelmente, na escrita de Heródoto, historiador que, segundo Sônia Morelo³¹, produziu uma história tendo como principal fonte a tradição oral que, por sua vez, foi preservada do esquecimento pela pelas vias da história³². Lívio se apropria, em parte, da tradição herodotiana ao usar relatos orais, afirmando tê-lo feito, sobretudo nos primeiros cinco livros de sua *História de Roma*, visto a ausência de fontes escritas que representassem um período mais de setecentos anos distante de seu tempo. Por outro lado, Lívio se preocupa em esclarecer para o leitor, logo nas primeiras palavras escritas no livro VI³³, que a partir do mesmo sua história tomará como base de argumentação documentos escritos, visto considerá-lo como *una custodia fidelis memoriae rerum gestarum* (única guarda fiel da memória das coisas que aconteceram). Lívio permite a compreensão de que os escritos representam o único meio para atingir a *ueritas* (verdade), porém, não o único meio para fazer história. Essa última era sua maior preocupação, independentemente se alcançaria ou não “a” verdade.

Dessa forma, Lívio aglutina a perspectiva herodotiana à polibiana, pois que, conforme os ensinamentos desta, a história é possível também a partir de pesquisas nos livros preservados nas bibliotecas, cabendo ao historiador, por conseguinte, realizar seu exercício escriturário, “(...) cotejando os relatos de escritores diferentes sem enfrentar qualquer problema”³⁴. Prática esta promovida por Lívio, ao buscar apresentar posições de dois ou mais escritores quando da existência de diferentes versões em seus escritos³⁵.

Por outro lado, construindo uma argumentação para a defesa de sua própria prática historiográfica, Políbio considera que a investigação histórica em que o historiador presencia/ vivencia os acontecimentos, como as guerras, supera às demais, pois que se trataria de um trabalho mais árduo e valioso, constituindo ele a parte mais relevante da história³⁶. Lição de “método” que certamente não foi apropriada por Lívio quando da escrita dos primeiros livros de sua *História de Roma*, pois que o que mais fez foi se apropriar dos escritores romanos que lhe antecederam como fontes a partir das quais costurou sua trama.

²⁹ CERTEAU, Michel de. op., cit., 2002, p. 107-108.

³⁰ HARTOG, François. op., cit., 1999, p. 19.

³¹ MORELO, Sônia. *A Relativização da Verdade em Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 2001 (dissertação de mestrado).

³² Idem, ibidem, p. 24.

³³ TITO LÍVIO. op., cit., p. 09, V. II.

³⁴ POLÍBIOS. op., cit., p. 418.

³⁵ Veja-se exemplos dessa atitude: TITO LÍVIO. op., cit., p. 370, V. I.

³⁶ POLÍBIOS op., cit., p. 418.

Considerando os mais antigos como os mais críveis, Lívio sugere a impressão de que o caráter verossímil da documentação utilizada para o estabelecimento da história, estaria associado à idéia de honestidade que, por sua vez, seria perceptível, sobretudo no passado não corrompido. Assim, escritores como Fábio Pictor, por se localizar num período mais longínquo, não teria sido corrompido e poderia oferecer informações mais providas de credibilidade. Neste tocante, Lívio também valoriza a tradição e os valores morais que considerava nela existentes, compreensão que confirma nossa visão de que sua escrita da história é perpassada por uma perspectiva de cunho moralista.

Por esse motivo, pode-se supor que Lívio promoveu um laborioso exercício de garimpo, cotejando diferentes autores para observar qual deles apresentava percepções mais verossímeis sobre o passado romano. Além disso, Lívio acompanha a tradição da historiografia, já presente em Heródoto, de informar ao seu interlocutor qual referência lhe orienta para a construção de sua obra. Observemos: “Segundo alguns historiadores, essa guerra foi travada sob os auspícios dos dois cônsules. Segundo outros, o cônsul Sulpício foi quem devastou o território dos tarquinienses (...)”; “Assim, pois, a não ser o fato de que houve uma revolta e que esta foi reprimida, no mais os historiadores antigos divergem”³⁷.

Neste raciocínio, Heródoto, ao demonstrar que ele próprio levou adiante seu projeto de pesquisa, se coloca como o pesquisador que se desloca em busca de vestígios para fazer história, marcando seu lugar enquanto *hístōr*, cujo exercício consiste na prática da investigação: “Eis, porém, as informações obtidas na mais ampla indagação que pude fazer, através de *minhas próprias viagens* e do que vi indo até Elefantina, e além daquele ponto através de respostas às *minhas perguntas* [grifos nosso] (...)”³⁸. Prossegue: Logo, *minhas investigações* evidenciam que Heraclés é um deus antigo” [grifo nosso]; “(...) de minhas próprias observações, de meu julgamento e de minhas investigações”³⁹. Dando seqüência a esta tradição, Tucídides coloca: “Segundo as minhas pesquisas, foram assim os tempos passados (...)”⁴⁰.

Políbio, seguindo as perspectivas dos dois historiadores gregos aqui citados, afirma que o “olho” se sobrepõe ao “ouvido”, considerando aquele o instrumento mais confiável a disposição do historiador, percepção que demonstra, por outro lado, a valorização dos historiadores gregos ao presente enquanto tempo a ser representado pela escrita da história: “A natureza nos deu dois instrumentos, digamos assim, com a ajuda dos quais nos informamos e investigamos a respeito de tudo: a audição e a vista. A vista é o mais verídico dos dois (...)”⁴¹.

³⁷ TITO LÍVIO. op., cit., p. 98; p. 136, V. I.

³⁸ HERÓDOTOS. **Histórias**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1985, p. 97.

³⁹ Idem, ibidem, p. 103; 108.

⁴⁰ TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1986, p. 27.

⁴¹ POLÍBIOS. op., cit., p. 417.

Ainda que não no mesmo nível que os gregos, Lívio apresenta uma sutil compreensão de que aqueles historiadores que vivenciam o acontecimento são providos de maior credibilidade, fato que se observa a seguir:

No dizer de alguns, grande foi a carnificina de parte a parte; no que me diz respeito – pouco inclinado a exagerações, defeito comum entre os historiadores –, prefiro fiar-me a Fábio, contemporâneo do acontecimento.⁴²

A relação dos gregos com o “olho”, como é observável em Heródoto e em Tucídides, sugere uma escrita preocupada em representar acontecimentos recentes que, por isso, teriam possibilidades de terem sido vistos ou pelos próprios historiadores ou por outras testemunhas oculares. Neste aspecto, haveria uma distância razoável entre Tito Lívio e a tradição construída por aqueles, haja vista que a escrita do autor latino retroage ao passado longínquo das origens de Roma. Contudo, o significado deste distanciamento enquanto elemento que nos levaria a crer na relação restrita de Lívio com o passado, ao contrário dos historiadores gregos, pode ser diminuído se seguirmos as colocações adiante: “Mesmo quando se trata de histórias do passado, como em Dionísio de Halicarnasso, ou de histórias que partem do passado para atingir o presente, como em Tito Lívio, a conexão com o presente é sempre reconhecida e reivindicada”⁴³.

Tito Lívio visualiza no passado mais distante da tradição romana, elementos, dos quais pôde se apropriar para a construção de uma história de caráter exemplar, localizando nos primórdios da cidade aquilo que considerava como representações da “época de ouro”, para a qual era preciso os romanos retornar. Em Heródoto é perceptível a apresentação de ensinamentos dirigidos ao homem grego nos momentos, por exemplo, em que faz referência à consecução do destino de certos indivíduos, como o de Creso, o que demonstra uma permanência da noção de história, usando o termo dos latinos, enquanto *magistra vitae* (mestra da vida) quando do deslocamento da historiografia grega para a latina. Uma permanência da qual a idéia de mudança não está dissociada, já que a concepção da história como “mestra” possui uma historicidade, sendo, por isso, que recebe um outro tratamento por Lívio, historiador que localiza os exemplos num conjunto de práticas concretas de homens e mulheres do passado da “época de ouro”.

Heródoto apresenta ensinamentos de caráter reflexivo, donde o objetivo é pôr o homem grego para pensar sobre seus atos e, nesse sentido, não é tão direto/ pragmático como Lívio. Vejamos como reflete sobre a natureza humana, ao mesmo tempo em que tenta ensinar o homem a como agir: “O desejo de fruir dos bens presentes gera a insolência, e a natureza fez os homens invejosos desde a sua origem. Essas duas causas se acham na

⁴² TITO LÍVIO. op., cit., p. 18, vol. III.

⁴³ HARTOG, François. op., cit., 2001, p. 18.

raiz de toda a maldade humana”⁴⁴. Em outros momentos, Heródoto avisa ao homem que ele não deve tentar fugir ao destino, cuja inexorabilidade resultaria de suas próprias desmedidas, fato que se observa na trama narrada sobre Creso. Lídio, da “raça” dos mermnadas, ele teria sido castigado, segundo o aviso da Pítia, com a morte do filho Átis, como resultado das atitudes de seu antecedente Giges que, por sua vez, havia retirado o poder dos Heráclidas após o assassinio de Candaules⁴⁵. Portanto, Heródoto aparenta ensinar aos gregos de seu tempo que o próprio homem, com suas desmedidas, provoca a consecução de um destino trágico.

Tucídides, ao descrever o quadro da peste que atacou a cidade de Atenas no século V a. C., afirma que apresentará detalhes sobre a doença, como os sintomas, para que a narrativa seja útil ao futuro, pois que considerava que o evento poderia vir a se repetir. A relação temporal em sua história se dá entre o presente da narrativa e o futuro que ainda virá, representando a noção de utilidade em sua história que, nesse sentido, se diferencia da idéia de história como *exemplum*, presente em Roma e, por extensão, em Tito Lívio. Na obra deste, a relação temporal se dá entre passado e presente, já que busca em homens do passado exemplos para o presente. A história como *exemplum* valoriza, sobretudo, ações individuais, ao passo que a *utilitária*, se se pode usar este termo para designar a escritura tucidideana, destaca mais os acontecimentos, sem um enfoque maior ao indivíduo.

Portanto, Jean Glénisson⁴⁶ confundiu as duas, ao afirmar que a história grega, ao entrar em Roma, teria adquirido um caráter mais utilitário que, por sua vez, teria constituído a base da historiografia romana, postura que demonstra uma despreocupação do mesmo em apontar as especificidades de cada escritura e de cada historiador.

Vejam os a posição de Tucídides:

Descreverei a maneira de ocorrência da doença, detalhando-lhe os sintomas, de tal modo que, estudando-os, alguém mais habilitado por seu conhecimento prévio não deixe de reconhecê-la se algum dia ela voltar a manifestar-se, pois eu mesmo contraí o mal e vi outros sofrendo dele⁴⁷.

Diferentemente do que Tito Lívio certamente faria, Tucídides não explica a peste como efeito da ira dos deuses, apenas descrevendo seus efeitos, perceptíveis na retirada da vida do corpo das pessoas mediante a grande mortandade que se disseminava. Refere-se a médicos que não curavam a doença e não a deuses. As descrições detalhistas dos resultados da peste revelam apenas o caráter humano, fato observável, por exemplo, quando descreve que os mortos se amontoavam e os ainda vivos se rolavam pelas ruas. Ao

⁴⁴ HERÓDOTOS. op., cit., p. 176.

⁴⁵ Idem, ibidem, 21-23.

⁴⁶ GLÉNISSON, Jean. O Conteúdo do Termo “História”. In: *Iniciação aos Estudos Históricos*. São Paulo-Rio de Janeiro: Difel, 1979, p. 11-27.

⁴⁷ TUCÍDIDES. op., cit., p. 102-103.

se referir a templos, Tucídides o faz para dizer que dentro deles se encontravam inúmeros cadáveres, fugindo a qualquer tipo de explicação divina⁴⁸.

Postura que demonstra uma tentativa de deslocamento da escrita herodotiana, considerada por Tucídides como recheada por elementos fabulosos/ divinos que, por sua vez, resultariam de uma suposta vontade de Heródoto, segundo aquele, em apenas agradar ao público, bem como, de uma despreocupação do mesmo com a verdade dos acontecimentos.

Tucídides considera errôneo se aceitar testemunhos indiretos, sobretudo, se não colocá-los sob à luz de provas, exemplificando casos em que considera que os discursos não condiziam com os fatos. Ele valoriza, sobretudo, o que “viu” e não o que “ouviu”, considerando mais complicado quando um testemunho é transmitido entre várias pessoas, para, apenas depois, alcançar o historiador.

Tito Lívio, por fazer história sobre eventos demasiadamente passados, se distancia consideravelmente de Tucídides nesse tocante, não se preocupando tanto com a verdade enquanto conceito dicotômico em relação à mentira, visto que não estabelece uma verdade para as coisas acontecidas. Conforme os comentários de François Dosse⁴⁹, Lívio não teria conferido tanta importância à verdade por ter como centro de preocupação um efeito moralizante no leitor romano. Neste sentido, “como a objetividade total é um mito para Tito Lívio, sua ambição de historiador desloca-se para o terreno da utilidade da história para a recuperação ética da alma romana por meio de um certo número de *exempla*”⁵⁰.

Políbio parece ter seguido os caminhos trilhados inicialmente por Tucídides, visto apresentar em toda sua obra constantes intervenções teóricas em que aponta a necessidade de se estabelecer a verdade dos fatos, exercício que considera que somente ele, entre os historiadores de seu tempo, poderia fazer, a partir de uma História universal. Para Políbio, a utilidade da história estava ligada ao seu caráter verdadeiro, devendo o historiador promover uma investigação séria do passado, pois que apenas assim, o mesmo tornar-se-ia útil ao futuro: “os eventos pretéritos nos levam a dar a devida atenção ao futuro, se realmente efetuarmos uma pesquisa séria do passado em cada caso”⁵¹.

Se se percebe uma aproximação entre as perspectivas polibiana e tucidideana face à noção de verdade, consideramos, por outro lado, que Tito Lívio e Heródoto apresentam em seus respectivos textos algumas semelhanças relativas a esse aspecto, o que nos leva a crer que a noção de verdade compreendida por Lívio resulta, em parte, de uma apropriação estabelecida da concepção do historiador grego. Além disso, observamos que a percepção acerca da verdade não constitui uma unidade na obra de Lívio, pois que nos primeiros livros,

⁴⁸ TUCÍDIDES. op., cit, p. 102-104.

⁴⁹ DOSSE, François. **A História**. Tradução de Maria Elena O. Assumpção. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

⁵⁰ Idem, ibidem, p. 107.

⁵¹ POLÍBIOS. op., cit., p. 417.

por exemplo, ele afirma que pretende descrever a verdade dos fatos, contudo, uma vez estando rodeado por fontes lendárias, lhe restou apenas utilizar esta tradição, que, todavia, recebeu um tratamento historiográfico pelo historiador. Lívio não sente receio de lançar lendas em meio ao seu texto, mesmo porque as mesmas possuíam uma função pragmática relevante em seu contexto, associada à justificativa dos anseios políticos do príncipe Augusto. Elas, por sinal, facultam a sua obra, sobretudo nos primeiros cinco livros, onde atuam por todos os cantos, um caráter um pouco diferente daquilo que se vê nos livros subseqüentes, sobretudo naqueles em que as influências de Políbio são mais diretas e visíveis, caso do livro XXI e os que lhe são posteriores.

Concedendo um aspecto dramático a sua obra, Lívio a fim de mostrar uma atitude sobre-humana de um indivíduo romano, que se sacrificou aos deuses para a expiação de prodígios, narra: “Montando seu cavalo ricamente ajaezado, precipitou-se no abismo com todas as suas armas. A multidão de homens e mulheres lançou-lhes frutos e oferendas expiatórias. O lago Cúrcio recebeu essa designação em homenagem a ele (...)”⁵². Em seguida, Lívio comenta sobre a inserção dessa lenda em sua obra, justificando seu uso a partir da colocação de que não haveria outra forma de buscar a verdade. Dizendo isto, o historiador deixa claro que as lendas constituem um dos caminhos possíveis para tanto. Senão, vejamos: “Eu não teria poupado esforços, se houvesse outro caminho ao pesquisador para encontrar a verdade. Mas foi preciso ater-me à tradição, uma vez que a antiguidade do fato não permite comprovar sua autenticidade”⁵³.

Posição semelhante encontramos em Heródoto, ao afirmar que não acredita numa certa lenda, o que, no entanto, não constituiu motivo para não introduzi-la em seu texto: “Dizem que ele é roubado aos grifos pelos arimaspos, homens de um olho só; não creio tampouco na existência de homens iguais aos outros em tudo mais, porém dotados de um olho só”⁵⁴. Neste caso, Heródoto discorda da tradição oral, questionando-a, sem, no entanto, fugir à mesma. Ele relativiza a verdade e não se mostra passivo face às fontes, apresentando diferentes versões e, por vezes, questionando-as. Se encontramos uma percepção da verdade de forma mais fechada em Tucídides e em Políbio, cremos que Lívio se remontou a um tempo mais distante para manter viva a tradição segundo a qual não existe uma verdade singular, circunscrita no próprio acontecimento, como parecia existir para aqueles historiadores.

A idéia de verdade pautada, por outra parte, numa suposta fidedignidade dos fatos revela uma apropriação do pensamento de Políbio, por cujo texto Lívio caminhou livremente emitindo usos e reempregos. A crença de que pode se defrontar com a verdade nas

⁵² TITO LÍVIO. op., cit., p. 80.

⁵³ Idem, ibidem, p. 81.

⁵⁴ HERÓDOTOS. op., cit., p. 186.

próprias lendas representa uma relação com Heródoto, historiador que a concebe como estando localizada nas diferentes versões ditas por suas testemunhas.

Daí a compreensão de Sônia Morelo⁵⁵, para quem a verdade presente nas *Histórias* de Heródoto é relativizada, sendo o historiador um produtor de verdades, perspectiva que em muito se distancia da polibiana, na qual há uma noção de verdade no singular. Conforme Morelo, a relativização da verdade em Heródoto é observável nos momentos em que concede um espaço aos “outros”, permitindo que os mesmos contem suas versões sobre si mesmos. Dessa forma, o historiador grego não se fecha numa verdade grega. Por outro lado, para Morelo, Heródoto também demonstra o caráter múltiplo da verdade, ao apresentar diferentes versões para uma mesma experiência, sem afirmar qual a verdadeira e deixando ao leitor a possibilidade de escolher a que mais lhe aprouver.

O último caso apresenta mais semelhanças com Lívio, visto que este, sem dúvida, não abre espaço para o “outro” falar sobre si em sua narrativa, cujo centro é Roma. Por vezes, Lívio se isenta de narrar a verdade em sua unicidade, apresentando apenas diferentes autores com distintas posturas e sugerindo ao leitor que considere a que lhe aparentar mais verossímil. Não há dúvida, portanto, de que aquela só existe em sua narrativa enquanto provida de uma multiplicidade.

Longe de constituir apenas uma narrativa de acontecimentos da esfera política, a obra de Lívio, transcendendo este aspecto, demonstra aos olhos que por ela viajam, tramas providas de drama, sendo recorrente a introdução de diálogos entre indivíduos, facultando à obra um caráter literário, não observável, por exemplo, em Políbio. Possíveis influências das produções literárias de sua época, como a *Eneida* de Vergílio⁵⁶, certamente devem ser consideradas, contudo apropriações de Lívio de textos bem mais anteriores a seu contexto, como as *Histórias* de Heródoto, e, provavelmente, a *Ilíada* e a *Odisséia*, ambas de Homero, não devem ser desconsideradas. Se em Heródoto, os traços dos diálogos são trágicos, em Lívio se percebe elementos moralistas perpassando-os.

Os diálogos que formam o quadro narrativo sobre Crespo e o destino de seu filho⁵⁷, por exemplo, apresentam uma natureza trágica, cujo fim foi a morte do último. Em Tito Lívio, há diálogos e discursos que dão vivacidade à narrativa, sendo, no geral, revestidos de um caráter moralista, endereçado a um destinatário, aos seus olhos, corrompido.

Ao narrar detalhadamente a trama que envolve a morte e desonra de Lucrecia, em cujos atos deveriam as romanas do tempo de Lívio se espelhar, o historiador consegue pôr diante de nossos olhos cada movimento corporal e cada sensação vivenciada pela “vítima”, citando a fala de seu corruptor e da personagem central da cena e, com isso, permitindo ao leitor sentir também a agonia vivenciada pela mulher. Leiamos fragmentos do quadro:

⁵⁵ MORELO, Sônia. op., cit.

⁵⁶ Cf.: VERGÍLIO. op., cit.

⁵⁷ HERÓDOTOS. op., cit., p. 29-31.

Quando lhe pareceu que todos dormiam e não corria perigo, tomou a espada e ardendo em desejos aproximou-se de Lucrecia adormecida. Pondo-lhe com força a mão esquerda sobre o peito disse: “Silêncio, Lucrecia. Eu sou Sexto Tarquínio e tenho a espada na mão. Se disseres uma palavra morrerás”. (...) Com essa ameaça, a paixão criminosa de Tarquínio triunfou da obstinada virtude, e ele partiu contente por ter destruído a honra de uma mulher (...)⁵⁸.

Prosseguindo, cita diálogos de Lucrecia com o marido e com o pai, transpondo para as letras o sentimento de infortúnio a ela causado pela atitude horrenda de Sexto. Com isso, Lívio, finalmente, alcança o clímax do exemplo, narrando o suicídio da desventurada mulher.

Lucrecia então disse: “Vós cobrareis o que aquele homem deve. Mesmo isenta de culpa, não me sinto livre do castigo. Nenhuma mulher há de censurar Lucrecia por ter sobrevivido a sua desonra”. Ao pronunciar essas palavras, cravou no peito o punhal que havia escondido em suas vestes e tombou agonizante em meio aos gritos do marido e do pai⁵⁹.

Para que o exemplo seja profícuo ao uso das romanas, Lívio precisou narrar cada detalhe, pois que apenas informando que o fato tinha acontecido, certamente não alcançaria seu público alvo.

Lívio apresenta uma perspectiva moralista com fins pragmáticos, ligados não a um futuro ainda por vir, como no caso de Tucídides e Políbio, mas a um presente que, aos seus olhos, se encontrava desprovido de harmonia. É para seu tempo que ele escreve a *História de Roma*; um tempo em que o príncipe Augusto promovia articulações políticas com vistas a efetivar o projeto da *Pax Romana*⁶⁰. A história liviana constituiu um elemento de respaldo para Augusto, ao ser construída a partir da “recuperação” de experiências de um passado distante, ligado às origens da cidade; passado este que associava o *princeps* a heróis lendários, como Enéas e Rômulo e que, dessa forma, justificava sua imagem como escolhido pelos deuses para a “missão” de “restaurar” Roma das tensões que a atormentava. Um passado que, por mediação da escrita historiográfica, se articula ao presente, se constituindo como um tempo para onde se deveria olhar e encontrar maneiras de se viver, encontrando-se na história um instrumento para tanto.

Talvez o elemento literário esteja presente com mais vigor nas obras de Heródoto e de Tito Lívio por terem sido escritas para serem lidas em público, caso do primeiro, ou para serem apreciadas no contexto em que foram escritas, caso de Tito Lívio. Consideramos que o objetivo deste constituía em escrever de tal forma que os leitores sentissem prazer em ler sua narrativa e, por conseguinte, praticassem os ensinamentos nela apresentados. Diferentemente de ambos, Tucídides e Políbio escreveram para a posteridade, o que suscitou, sobretudo no caso do primeiro, uma despreocupação e, até mesmo, uma repulsa em escrever de modo agradável, já que o que lhe importava era a construção de uma

⁵⁸ TITO LÍVIO. op., cit., p. 99, V. I.

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰ Para mais informações sobre a questão, consultar: GRIMAL, Pierre. A Paz Augustana. In: _____ **O Século de Augusto**. Tradução de Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 93-107.

história que fosse útil ao homem do futuro. Segundo Hartog, se Heródoto escreveu para que as atividades humanas não se apagassem, Tucídides escreveu sobre a guerra, sob seu olhar, mais relevante, pensando sua narrativa como um patrimônio eterno, rompendo, assim, com a tradição de seu “mestre”: “Daí em diante, não se trata mais de preservar do esquecimento as ações valorosas, mas de transmitir às gerações futuras um instrumento de inteligibilidade de seu próprio presente”⁶¹.

Políbio diz correntemente em sua narrativa, que objetiva narrar os fatos verdadeiros, chegando a apontar uma série de críticas a escritores que lhe antecederam por considerar que os mesmos não apresentavam relatos verídicos, os quais, para ele, constituíam os únicos possíveis de serem úteis ao futuro e que eram possíveis de serem estabelecidos se o historiador usasse uma metodologia caracterizada pela narração de fatos que ele próprio presenciasse; pela não inserção de posições parciais/ patrióticas; pela verificação e desarticulação das “mentiras” ditas por outrem. Com isso, o historiador chegaria a uma verdade sobre como os fatos aconteceram e, portanto, a história, conceito entendido por eles apenas como a escrita sobre os eventos, não seria distinta do acontecimento.

Percepção que coloca uma fronteira entre tais historiadores antigos e os historiadores modernos, cuja concepção da história não acredita na união harmônica entre a escrita da história e o acontecimento, fato que é perceptível na própria diferença que estabelecem entre história como acontecimento e história como conhecimento. Para os historiadores antigos o conceito de história era usado apenas para referências sobre aquilo que se escrevia sobre os acontecimentos, o que se observa, por exemplo, quando Tito Lívio usa o termo *rerum gestarum* (coisas acontecidas) para se referir àquilo sobre o qual iria escrever e, por outro lado, usa o termo *memoria* para se referir à escrita dos feitos passados.

Retornando à discussão sobre a tradição de uma escrita literária, consideramos que a mesma é também perceptível em Tucídides, historiador que não se esvai de apresentar, paralelamente aos movimentos da guerra, experiências providas de tônicas de dramaticidade, expondo diante de nossos olhos, a vida dos atenienses, por exemplo, em face da peste que assolou Atenas, sobre a qual já comentamos. Os discursos, que afirma colocar de acordo com o que poderia ter sido dito, dado as condições dos eventos, concedem a seu texto um caráter que supera o *status* de narrativa de acontecimentos factuais.

Políbio, por outra parte, com um pragmatismo estilístico e um desejo de fornecer uma narrativa útil, não se preocupou em conceder elegância literária a sua obra, o que nos leva a crer que a noção de escrita com tônicas literárias caiu na esfera do esquecimento em seu universo específico de escrita, sendo, entretanto, uma tradição que fora “recuperada” por Tito Lívio. Políbio se intitula um estudioso da política que tem como objetivo narrar feitos dos

⁶¹ HARTOG, François. op., cit., 1999, p. 28.

povos, das cidades e dos estadistas⁶². Se o gênero de escrita liviana sugere uma narrativa *ab urbe condita* (desde a fundação da cidade), o de Políbio, segundo seu próprio dizer, se trata de uma história do gênero pragmático que não tem por preocupação agradar os “ouvidos” do público do momento, mas de possibilitar uma utilidade para o futuro. A preocupação sobrepujante com o futuro pode nos ajudar a compreender as posturas de Políbio e de Tucídides, os quais, sobretudo o primeiro, consideram que não estão interessados em atender ao público do presente, preocupação, por outro lado, que conduziu as escritas de Heródoto e de Tito Lívio, em cujas obras o aspecto literário constitui marca atuante. Debate que poderia nos conduzir a outro: a relação entre história e ficção. Contudo, o mesmo não nos interessa no momento, considerando o próprio espaço deste trabalho.

Considerações Finais

Quando os historiadores se aperceberam que a história constitui uma representação do real e que é produzida mediante o ato subjetivo da escrita, sentiram a necessidade de se questionar sobre a produção historiográfica, exercício observável nas reflexões de Roger Chartier em textos escritos na década de 1980⁶³, momento em que a história passava por profundos debates epistemológicos concernentes ao estatuto daquilo que o historiador fabricava.

Uma vez promovendo isso, descobertas emergiram de suas reflexões sobre o saber historiográfico e de seu respectivo produtor, constituindo uma delas a percepção de que o historiador é apenas um dos variados escritores que se encontram presentes em seu texto, sem falar nos futuros leitores, cujos passos poderão circular pela obra sem respeitar uma suposta mensagem forjada por aquele.

Um texto constitui sempre resultado de múltiplas apropriações pelo seu produtor estabelecidas, compreensão oferecida pela sensibilidade de Certeau quando das suas profícuas reflexões sobre a escritura historiográfica:

Intercâmbios, leituras e confrontos que formam as suas condições de possibilidade, cada estudo particular é um espelho de cem faces (neste espaço os outros estão sempre aprendendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram)⁶⁴.

Dessa forma, alguns olhares historiográficos têm sido deslocados para a compreensão sobre as formas constitutivas de uma narrativa, exercício que permite a esses exploradores, viagens pelo interior de universos plurais.

⁶² POLÍBIOS. op., cit., p. 371.

⁶³ Tais textos podem ser vistos na seguinte obra: CHARTIER, Roger. op., cit., 1990.

⁶⁴ CERTEAU, Michel de. op., cit., 1996, p. 110.

Michel de Certeau⁶⁵, neste sentido, há que ser destacado pelas possibilidades de compreensão a nós facultadas sobre a “operação escriturística” e sobre a leitura enquanto atividade inventiva. Acreditamos que há uma urgência de *fazer com* os textos que analisamos, jogando incansavelmente com os mesmos para deles retirar o máximo de contribuição possível para a (re) escritura da “nossa” história. François Hartog, historiador que se apropria das colocações de Certeau, diz que não se deve promover nem uma “saída” exagerada do texto, nem um “culto” ao mesmo, afirmando residir nesse exercício analítico a contribuição teórica da história antiga. Atentemos:

(...) é nessa abordagem séria do texto (histórico ou não) e na elaboração dos procedimentos que ele implica que me parece residir a contribuição teórica que a história antiga pode fazer à história, induzindo à reflexão sobre o que se pode entender por documento e por fonte.⁶⁶

Chegamos ao ponto para onde estávamos caminhando, no qual reencontramos Tito Lívio. Foi mediante o desejo de investigar seu texto, circulando com cuidado por entre as tramas e palavras nele presentes, que propomos este exercício de análise, o qual apenas nos tornou perceptível que há ainda um imenso território a ser explorado. O que fizemos foi apenas uma introdução a um provável estudo mais sistemático em torno da intertextualidade na *História de Roma* de Lívio.

Todavia, pudemos perceber os movimentos textuais que vão sendo articulados por cada historiador na relação com a escrita daqueles que lhes antecederam, inaugurando sempre algo inovador para a construção e manutenção da tópica histórica. As mutações resultam da subjetividade do historiador cujo *status* singular não pode ser reprimido, pois que fazendo isto se anularia suas vivências e experiências que são únicas e que aparecem no *corpus* de seu texto, aliadas às apropriações promovidas de outros textos.

Portanto, em face das contemporâneas discussões sobre o estatuto do texto histórico, supomos que este trabalho veio a contribuir para reforçar nossa compreensão, segundo a qual o exercício do historiador consiste em representar experiências, tendo como referência uma realidade exterior ao texto. Esta especificidade já se torna perceptível nas reflexões de Aristóteles⁶⁷, conforme as quais a história lida com eventos particulares que aconteceram, ao passo que a poesia escreve sobre aquilo que apenas poderia ter acontecido, se circunscrevendo naquilo que, modernamente, chamaríamos de ficção. Em meio à profusão de textos que se instauram diante de nossos olhos, numa sociedade da escrita, pareceu-nos necessário encontrarmos elementos que singularizassem a escrita que chamamos de historiográfica, movimento que se tornou profícuo a partir do diálogo que provocamos entre Tito Lívio e a tradição da historiografia grega.

⁶⁵ Cf.: CERTEAU, Michel de. op., cit., 1996; Idem, ibidem, 2002.

⁶⁶ HARTOG, François. op., cit., 1999, p. 319.

⁶⁷ Cf.: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica**. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997, p. 28.

Bibliografia

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: editora da UNESP, 1998.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DOSSE, François. **A História**. Tradução de Maria Elena O. Assumpção. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

FINLEY, Moses I. Tucídides, o Moralista. In: **Aspectos da Antiguidade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins fontes, 1991.

HARTOG, François. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. **O Espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Luis Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MORELO, Sônia. **A Relativização da Verdade em Heródoto**. Belo Horizonte: UFMG, 2001 (dissertação de mestrado).

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Brasília: UnB, 1995.

Fontes

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica**. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

HERÓDOTOS. **Histórias**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1985.

POLÍBIOS. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1996.

TITO LÍVIO. **História de Roma**. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, V. I-VI.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1986.